

Capítulo 6

À medida que o tempo foi passando, todos os trabalhadores amigos de João se organizavam em suas respectivas posições com seus objetos e materiais, dividindo as tarefas, enquanto algumas das mulheres preparavam um café da reforçado. Eram sete e meia da manhã. Todos já se encontravam de pé discutindo as estratégias e conversando sobre os acontecimentos.

– Vamos decidir assim: eu, Cláudio e Onofre montaremos a caixa d’água e prepararemos o sistema básico de irrigação, de forma que depois poderemos expandir. Esta estrutura permite suportar dez mil litros de água sem problemas. Assim, podemos transferir parte da água do caminhão pipa. Devemos lembrar que, temos que gastar pouca água, pois estaremos dependentes de carros pipa até que furemos os poços artesanais. – falou João.

– Certo, doutor! – completou Damião. – Enquanto isso, eu e Cícero vamos mapear as primeiras regiões em que iremos passar o trator para iniciar o plantio das primeiras lavouras. As mulheres podem direcionar algum trabalho para fazer leirões para as hortas básicas e já irem plantando as sementes.

– Isso mesmo Damião! – disse Cícero – Começamos dentro de quinze minutos, assim que eu reforçar a barriga.

– Bem pensado! – falou Damião – Então vamos logo para adiantar o serviço, pois temos que, ao final da tarde, antes do pôr do sol, já ter plantado algo e colocado os canos de gotejamento para irrigar a plantação.

– Enquanto isso, Joãozinho e Estevão poderão separar algumas estacas para preparar os espaços dos animais que estarão chegando amanhã. – falou João.

– Vai vir os cachorros também, doutor? – perguntou Joãozinho.

– Sim! Claro! Também os dois gatinhos de Clara. Junto a isso, virão seis cabeças de gado, galinhas, e bodes e cabras para povoar isso aqui. – completou João.

– Que bom! Então vamos fazer os cercados rápido com os cochos e espaço com telhado de palha, em princípio, para os bichos. – falou Estevão.

– Inclusive, ainda hoje, vou ver se consigo contato com o pessoal para virem amanhã abrir alguns poços. Caso não possam vir, vou pedir para enviarem mais um caminhão pipa, enquanto nos uniremos para abrir um poço na base da força, pois já tenho com quem conseguir pelo menos uma escavadeira mais forte que nosso trator. – completou João eufórico com as mãos cruzadas sobre a cabeça e com um grande sorriso de satisfação.

– Sem problemas, doutor! Estamos aqui unidos para crescer e fazer este novo mundo! O seu coração é grande e sua inteligência também. E seu sonho é o nosso sonho! – falou Cláudio em tom emocionado.

Cláudio, assim como todos os trabalhadores ali presentes, eram amigos de João, cuja amizade nasceu das grandes ajudas prestadas, muitas vezes, como no caso de Cícero, Damião e Estevão, salvando-os da miséria em que viviam.

Cícero foi menino de rua nas cidades do sertão paraibano. Viveu miséria até que João se aproximou dele numa de suas andanças por ali, e ofereceu-lhe comida. Nesta aproximação, conversou muito, oferecendo-lhe emprego e possibilidades de mudar a história, sua e de sua família.

Casos similares a este, foram os de Estevão e Damião. No caso de Estevão, era pedinte conhecido de Cícero. Já Damião era um jovem lavrador que estava passando fome em casa e pedindo nas ruas para tentar comprar uma passagem para ir à São Paulo tentar a vida. Outro caso foi de Joãozinho e Joaquina, que receberam a visita no Natal, na favela em que moravam, quando João estava distribuindo presentes aos meninos de lá. Todos ali foram pessoas muito gratas a João, oferecendo-lhes seus préstimos para o que pudessem. Quando conheceram o sonho de João, todos se prontificaram a edificá-lo, especialmente porque ajudaria milhares de pessoas que viviam na mesma miséria que eles viveram um dia.

– Vamos correr para não perder mais tempo! – falou Carla.

– Isso mesmo! – completou João.

O café da manhã veio como esperado por todo sertanejo: um reforço especial de cuscuz, macaxeira com carne de sol, inhame, pão, queijo e ovos, com um forte café, acompanhado de leite para quem quisesse.

Cada um se servia a vontade, como sempre João disse: “sem cerimônias!”. Todos colocavam seus pratos e se sentavam em qualquer lugar, no chão, em cima da parede da varanda, na cadeira, e onde pudesse estar. Todos comiam à vontade, pois sabiam que o dia ia ser duro, mas que estavam animados para dar nova vida àquele lugar.

João sempre gostou de fartura, e ali ele se sentia realizado, vendo todos comerem a vontade.

A comida estava deliciosa. As crianças comiam se divertindo e brincando, especialmente com a chegada dos filhos de Joãozinho.

João se aproximou de Carla e disse:

– Querida! Muito cuidado nas crianças. Lembre-se de ontem. É bom avisar a todos para evitar que haja novos problemas por causa das brincadeiras descontroladas deles. Inclusive, porque agora tem mais crianças no meio.

– Deixe comigo, amor! Quer conversar com eles e avisá-los? Talvez você falando iniba mais tentativas de peraltices. – falou Carla sorrindo.

– Pode ser. Mas mesmo assim, deve avisar a todos o que ocorreu, de forma a ficarmos todos de olhos bem abertos para eles não tentarem novamente e irem cair em novas aventuras problemáticas. Inclusive, não descobrimos ainda o que houve lá no açude seco...

– Realmente! Você tem razão! – completou Carla se guiando às crianças e chamando João para conversar com elas.

As crianças estavam felizes e correndo de um lado para o outro em suas brincadeiras costumeiras. João e Carla se aproximaram, e João chamou sua atenção:

– Crianças! Venham cá! Preciso conversar com vocês!

Júnior olhou e de sorridente, ficou um pouco mais sério, chamando os demais:

– Diga, papai. O que foi?

– Nada filho! Só quero que vocês todos prestem bem atenção no que vou falar! – fez uma pausa e olhou fixamente

nos olhos de cada um dizendo – Não quero em hipótese alguma que vocês se afastem daqui! Lembrem-se dos problemas de ontem! Só brinquem aqui na frente, ou em casa! Não saiam daqui de perto de forma alguma! Certo?

– Certo papai! – falou Ana e Clara, seguidas por Júnior e depois pelos filhos de Joãozinho que afirmaram com a cabeça de forma tímida.

Neste momento, Joaquina se aproximou e completou:

– Ouviram bem o que doutor João falou, né? Se não quiserem apanhar, não desobedeçam! Por motivo nenhum, não desobedeçam! E, qualquer coisa, chamem a gente!

As crianças novamente confirmaram com a cabeça.

– Agora podem continuar suas brincadeiras. – falou João.

E as crianças voltaram a correr para lá e para cá.

João pôs o braço na cintura de Carla, deu-lhe um beijo no rosto e falou:

– Vou começar o meu trabalho, pois temos muito o que fazer. De toda forma, passe a mensagem a todos para ficarem de olho nas crianças, pois sabe como são teimosas! Quero evitar problemas maiores!

E se afastou na direção da preparação do tanque, onde se encontravam Onofre e Cláudio, falando:

– Vamos homens! Chegou a hora de pormos nossos músculos a trabalhar para mudar esta realidade!

E cada um se guiou ao seu ponto especificado para acelerar o processo de suas partes no trabalho.

Os trabalhos iniciaram sem problemas. João, Cláudio e Onofre começaram a montar o quebra-cabeças do tanque portátil para dar início à distribuição de água na região definida por Cícero e Damião.

As mulheres dividiram o trabalho na forma: Joaquina, Maria e Josefa, com o apoio de Pedro, tratavam de organizar os leirões em que seriam plantadas as hortaliças, enquanto Carla e Mariana, a esposa de Pedro, trabalhavam no jardim de casa, ao mesmo tempo que ficavam de olho nas brincadeiras das crianças.

Joãozinho e Estevão pegaram as foices para cortar parte das ramas secas numa área definida para ser os estábulos e

chiqueiros, para começar a montagem dos mesmos na espera de colocar os animais neles no outro dia.

Cícero, ao lembrar do acontecimento na estrada, resolver ver o que ocorreu com as pás do arado no trator, chamando Damião para lhe falar das suas sensações na chegada à fazenda, enquanto ia averiguando as pás. Ficou surpreso ao ver algumas manchas vermelhas nas pás e se aproximou, chamando Damião:

– Olhe isso aqui! Parece sangue!

Damião circulou o trator e olhou:

– Realmente! Parece, não! É sangue mesmo! Vai ver que quando você baixou o arado, estraçalhou algum animal. Mas isso não vem ao caso. Vamos começar o trabalho! Já!

– Deve ter sido isso mesmo! Vamos começar.

– O cortador de grama está instalado?

– O trator especial já veio pronto. Enchedeira, escavadeira, cortador e arado. Tudo pronto! Eita tratorzinho bom! Agora, é bom encher o tanque, pois a viagem gastou boa parte do tanque.

– Vamos ver!

Damião ligou o trator e viu no marcador de combustível que tinha mais de três quartos do tanque cheio.

– Tá bom demais, homem! Dá para fazer muita coisa antes de botar combustível novamente!

– Então vamos lá!

Cícero subiu no trator para controlar os equipamentos de aragem e corte, enquanto Damião dirigia.

– A região aqui é toda plana. Dá para a gente cortar e arar um ou dois hectares rapidinho. Depois a gente distribui as sementes. E se der tempo, fazemos mais um ou dois hectares ainda hoje.

– Depende! Se for rápido, tudo bem, pois além das sementes, ainda temos de ajudar a colocar os canos de irrigação. Não esqueça disso!

– É, mas vamos correr!

E começaram a entrar nos espaços, num grande pulapula, com as navalhas na frente do trator cortando tudo que era planta seca e o arado atrás abrindo e revolvendo o chão.

– Tá ficando bonito! Pra completar, essas ramas podem servir até como adubo natural e melhorar no crescimento das plantações.

– Vamos fazer um hectare de feijão e um de soja?

– Acho que sim... Não! É melhor botar inicialmente a plantação de laranja no segundo hectare. Temos de iniciar o pomar. Sem falar que temos de distribuir ainda o capim.

– É... não tem outro jeito. Vamos ter de fazer hoje, pelo menos três ou quatro hectares!

– Mas com essa maquinazinha aqui, acho que vai dar para fazer mais do que seis. Deixando tudo preparado, amanhã fazemos as plantações e irrigações que não der para fazer hoje.

– É mesmo!

E continuaram... O barulho daquele trator com aquele maquinário todo funcionando, era imenso. Tão grande que nenhum dos dois percebiam os sons de gritos que aquelas ramas secas faziam ao serem trituradas, assim como não percebiam que o chão estava com uma cor avermelhada de sangue que espirrava dessas ramas e do próprio chão. A mistura com a terra parecia apenas que era barro vermelho.

Do outro lado dali, Joãozinho e Estevão começaram a decepar várias ramas com a foice, com um cigarro na boca e a testa toda molhada de suor.

– Vamos Estevão! Pegue por este outro canto! Acho que, dois espaços de trinta por trinta metros, dá tranqüilo.

Naquele lado, havia poucas ramas e o trabalho não era difícil. Mas, de todo jeito, os sons se faziam ouvir quando a foice cortava algumas ramas daquelas.

Era um som fantasmagórico, mas que os dois ali achavam que era o barulho do vento passando por entre os galhos secos. E continuaram...

Estevão, depois de cortar uma área grande o suficiente, em torno de trinta metros quadrados, se aproximou de uma moita daquelas ramas secas, olhou e começou a analisar detalhadamente. Percebeu que aquelas ramas tinham algo incomum, pois não se pareciam muito com galhos secos de vegetação conhecida no sertão. Sua cor era acinzentada e apresentava alguns nódulos que pareciam estar pulsando quando se balançavam. Parecia algo vivo. Olhou para as pontas dos

galhos e viu que eram um tanto ocos, o que lembrava em parte, uma boca com dentes afiados. Acocorou-se para analisar a parte mais baixa das plantas, no tronco em direção ao solo... para a base das raízes. O tronco parecia com músculos sem pele, arrodados de veias e nervos em uma rede recobrimdo toda a parte central. Pensou em arrancar uma daquelas ramas secas para avaliar a raiz... Começou então, a escavar a base de uma delas para ver o que tinha. Cavou. Revirou a terra seca... e, aos poucos, foi vendo que, basicamente a planta estranha não tinha raiz. Era apenas um nódulo com alguns pelos ao redor. Segurou a rama e puxou-a. neste momento, Joãozinho que já havia terminado sua parte do outro lado, aproximava-se e viu aquela cena. Aproximou-se lentamente e silenciosamente e, quando chegou bem próximo a Estevão, que viu ele de cócoras, pensou:

– Vou dar um susto nele!

E de um salto falou:

– Olha a cobra!

Estevão que estava altamente concentrado naquilo, deu um salto para frente, caindo por cima da moita de ramas secas e gritou agoniado:

– Socorro!

E Joãozinho começou a rir.

– Socorro!

Joãozinho sem perceber, continuou a rir. No salto dado, Estevão ficou todo engalhado, e algumas ramas rodearam-lhe o pescoço, enforcando-o.

– Ajude-me! Estou sem ar...

Foi aí que Joãozinho percebeu a gravidade da situação e saltou para a moita e começou a cortar as ramas. De repente, viu algo estranho acontecer: saia um líquido vermelho rapidamente quando uma dessas ramas era cortada. Mas continuou por ver a situação de Estevão. Repentinamente, quando ia cortando a rama que o enforcava, viu um ser transparente com olhos vermelhos a lhe olhar, e seu braço era a própria rama que enforcava Estevão.

– Deus meu! Que é isso?

Pensou em recuar, mas no susto que tomou, invadido pela adrenalina no seu sangue, passou a foice no braço daquela imagem maligna, fazendo com que a fama folgasse

imediatamente do pescoço de Estevão, que logo segurou o pedaço da mesma, afastando-a de si. Respirou fundo, embora meio tonto, saiu do meio dos restos das ramas alisando o pescoço e se sentou no chão.

– Ai! Que porra foi essa?

Joãozinho, ainda absorto com a visagem, partiu para cima da moita, contando tudo que era rama numa fúria louca, e falando:

– Seja lá o que for, suma daqui! Deus está conosco! Afaste-se daqui! Vá para o inferno que é seu lugar!

Quando cortou a última rama que ali se encontrava, olhou para Estevão que o analisava sem entender o que tinha havido.

– Que é isso?

– Você não viu? Realmente não viu, pois estava sendo enforcado por ele!

– Ele quem? A única coisa que ocorreu foi você me dar um susto que saltei para frente e entrei com o pescoço entre um emaranhado de ramas e quase morro sufocado!

– Não foi só isso, não! Tinha alguma coisa ali te enforcando! Eu vi! Alguma coisa de olhos vermelhos!

– Conversa, Joãozinho! O sol deve estar te fazendo mal. Ou estás querendo disfarçar a besteira aprontada...

– Não! Eu vi mesmo! – e fez o sinal da cruz – Seja lá o que for, que Deus afaste da gente!

– Rapaz... eu não vi nada. E já me recuperei. Agora, por favor não me venha mais fazer suas palhaçadas novamente, viu?

– Estevão... desculpe-me pela brincadeira, mas acredite em mim, pois vi mesmo alguma coisa ali!

– Certo! Certo! Deixe para lá!

Estevão ficou achando que Joãozinho estava encenando depois de ter feito ele quase morrer, para poder ter desculpas consideradas.

– Rapaz... já que já cortamos tudo o que precisava, agora vamos montar as estacas do cercado para terminar logo isso. Já são dez horas! Já, já é o almoço.

– É, Joãozinho!

Joãozinho estava desconfiado com o ocorrido, e queria mudar de assunto logo, envolvendo-se mais na preparação.

– Acho que devemos queimar estas ramas. Sei lá! Não parece que é desse mundo.

– Deixa lá, Joãozinho! Fazemos o fogo depois de terminarmos os chiqueiros.

– Certo! Mas vamos fazer um fogueirão, para queimar aquela coisa.

Estevão que era muito calmo, estava com vontade de dar um soco em Joãozinho pela armação feita que quase o mata, mas sabia que devia se controlar, e apenas levantou-se e foi buscar as estacas junto com Joãozinho.

– Mas é Estevão! Eu vi...

– Deixe para lá! Entregue-se a Deus! – afirmou Estevão incrédulo.

– Mas... era um...

– Já disse que deixa para lá!

– Certo!

E se guiou para pegar as estacas para estruturar os chiqueiros... Nenhum percebeu que as ramas secas murchavam rapidamente, depois de mortas.

Pegaram, além das estacas que iam trazendo aos poucos, também trouxeram um ciscador para ir retirando os restos ali e jogar onde seria feita a queimada das ramas. Juntaram as ramas aos poucos, arrastando-as com os ciscadores, fazendo um monte. Joãozinho pegou o escavador e começou a perfurar o chão. O suor lhe descia à testa, escorrendo como uma cachoeira. Mas não parava. Estava eufórico e querendo finalizar logo. Estevão com o outro escavador, fazia buracos em outra parte. E assim, foi um, dois, três... quinze buracos...

– Pronto, Joãozinho! Vamos colocar as estacas e batê-las para pregar no chão, e depois pregamos as barras laterais para fechar o cercado. – falou Estevão segurando já uma das estacas e firmando no primeiro buraco.

– Certo! Ao fechar os cercados, vamos formar o espaço do coxo e o espaço do estábulo com a área coberta. Temos de ser práticos e rápidos. Precisamos terminar isto antes das três horas da tarde!

– Certo! Vamos correr!

...

O tempo foi passando, e aos poucos a área estava ficando pronta. A área foi cercada com sucesso e os dois se juntaram para colocar o telhado de plástico e palhas. À medida que montavam a estrutura, não observavam que em um determinado ponto do chão limpo, uma mancha vermelha se formava. Uma mancha de aproximadamente um metro de diâmetro que borbulhava... Era puro sangue!

Mas a empolgação era tanta que não percebiam aquele fenômeno. O sol estava escaldante. Eram dez horas e cinquenta minutos da manhã.

A mancha vermelha foi sumindo aos poucos. Onze e quinze, e o estábulo já estava adiantado. Onze horas e quarenta minutos... já sem suportar aquele sol, Estevão falou:

– Esta é a última! – fomos rápidos o suficiente para fazer este trabalho todo!

– É! Só falta fazer a limpeza! Achei que só terminaríamos a tarde, mas foi fácil. – completou Joãozinho limpando o suor da testa que escorria pregando os cabelos molhados na cabeça e na face.

– Vamos dar um minuto de descanso para fazermos a limpeza daqui e partirmos para ajudar em outra tarefa. Embora cansado, estou com o gás todo para finalizar tudo o que puder hoje mesmo!

– Eu também! Deixe-me respirar um pouco...

A mancha vermelha ali, fora da visão dos dois, foi clareando até ficar quase da mesma cor do solo. O solo ficou fino ali, como se fosse areia da praia, mas com uma cor avermelhada, de forma que dava para confundir com barro vermelho.

Passados dez minutos, e várias conversas, Estevão disse:

– Vamos, Joãozinho! Vamos finalizar isso logo.

– Vamos!

Levantaram-se e começaram a ciscar os últimos resquícios de raízes e ramas secas no chão, fazendo um amontoado para incinerar. Já eram doze horas e trinta e cinco minutos quando finalizaram a limpeza. O poeirão cobria tudo por ali.

– Estás com fósforo para atear fogo? – perguntou Joãozinho.

– Esqueci! Vou buscar lá na casa, que aproveito para acender um cigarro. Enquanto isso, veja se não está faltando nada.

– Certo! – Falou Joãozinho.

Estevão foi se afastando em direção à casa, enquanto Joãozinho fazia uma ronda ao redor de todo o espaço construído.

– Por aqui, tá tudo bem! Aqui também... Aqui está tudo ok! Aqui...

Arrepiou-se todo quando viu aquele chão estranho na forma de um círculo avermelhado.

– Não me lembro disso aqui! – falou se aproximando.

Apoiou-se no pé esquerdo e passou a ponta do pé direito sobre aquele solo.

– Que estranho! De onde veio isso que eu não vi antes?

Nesse momento chegou Estevão:

– E aí Joãozinho? Cadê tu?

– Estevão! Venha aqui! – falou apressado.

– Que houve?

– Rapaz... Você chegou a ver isso aqui no chão antes? Na hora que estávamos trabalhando?

– Que chão?

– Esse negócio redondo aqui! Essa areia fina...

– Que estranho! Eu não tinha visto, não. Será que é por que a gente estava estressado com o acontecimento das plantas secas?

– Cara! Eu estou ficando desconfiado com isso aqui... com essa terra... essa fazenda. Será que isso aqui é mal assombrado?

– Tu né homem não? Ora! O sol na cara a manhã toda, e trabalhando desse jeito que nós trabalhamos, a gente pode ter alucinações.

– Mas... e esse chão?

– Rapaz... deixa aí!

Joãozinho olhou para o círculo de fina areia, baixou-se e lentamente aproximou a mão, tocando-a. Passou o dedo para lá e para cá. Sorriu:

– É! É apenas areia...

E pegou com a mão, levantando a areia, soltando-a a seguir.

– Mas é muito bonita! E tem uma cor linda quando reluz ao sol!

– Não estou dizendo! Não tem nada demais! Vai ver que não prestamos atenção, mas isso devia estar aí deste sempre! Vamos voltar, pois temos de ajudar os outros. Vamos pôr fogo nisso aqui e ir trabalhar. Daqui a pouco é hora de almoço.

Num último instante, Joãozinho pôs a mão na areia e começou a ver a profundidade daquela poeira.

– Ah! Tem apenas um ou dois centímetros. – falou, afastando a areia para ver o que tinha mais embaixo. – É só terra normal!

E se levantou quando viu Estevão já ateando fogo naquele amontoado de plantas secas que eles tinham juntado.

– Pronto! Primeiro trabalho finalizado! – falou Estevão.

– Ótimo! Fogo ateado, chiqueiros e estábulo prontos! Vamos ajudar agora a montar o tanque e na irrigação e plantio!

– Exatamente! Vamos nessa.

E se afastaram sem perceber que no círculo formado no chão, um pequeno monte de areia se formava ganhando a forma do rosto de Joãozinho e depois, começou a sair dos desenhos dos olhos, nariz, boca e ouvidos esculpido ali, sangue. E foi se desfazendo aos poucos até voltar ao círculo de areia.